

ARTIGO ORIGINAL

MASCULINIDADES, ENVELHECIMENTO E PERTENCIMENTO NO VOLEIBOL LGBTQIAPN+: UM OLHAR SOBRE A SUPERLIGA GAÚCHA

MASCULINITIES, AGING, AND BELONGING IN LGBTQIAPN+ VOLLEYBALL: A LOOK AT THE GAÚCHA SUPERLIGA

Marlon Crestani Garcia¹

Quenia Rosa Gonçalves³

Gustavo de Oliveira Duarte⁵

Sirlene Mathias da Veiga²

Elisandra Kuster Nascimento de Oliveira⁴

¹Marlon Crestani Garcia. Graduado em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado). Mestre em Ciências do Movimento e Reabilitação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorando em Ciências do Movimento e Reabilitação pela UFSM.

²Sirlene Mathias da Veiga. Graduada em Enfermagem. Mestra em Gerontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Enfermeira do Serviço de Hemodinâmica do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM).

³Quenia Rosa Gonçalves. Graduada em Psicologia. Mestra em Gerontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Psicóloga da Coordenadoria de Qualidade de Vida (CQVS) da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFSM.

⁴Elisandra Kuster Nascimento de Oliveira. Graduada em Gestão Pública. Mestranda em Gerontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Técnica de Enfermagem do Centro de Tratamento da Criança e Adolescente com Câncer (CTCriAC) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM).

⁵Gustavo de Oliveira Duarte. Graduado em Educação Física. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD).

Resumo

O esporte tem sido historicamente atravessado por normas heteronormativas e por modelos rígidos de masculinidade, o que torna relevante investigar como sujeitos LGBTQIAPN+ vivenciam o envelhecimento nesse campo. Este estudo objetiva analisar como o envelhecimento influencia a permanência e a reconfiguração da participação de sujeitos vinculados à Superliga LGBTQIAPN+ de Voleibol do Rio Grande do Sul. Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, baseada em entrevistas semiestruturadas, com recorte analítico de três participantes mais velhos do corpus: P1 (45 anos), P2 (51 anos) e P3 (51 anos). A análise temática de conteúdo evidenciou que envelhecer no esporte não implica necessariamente afastamento, mas deslocamento de funções, reelaboração de vínculos e fortalecimento do pertencimento. P1 associa a idade à passagem da quadra para a organização; P2 enfatiza a liberdade de existir em um espaço LGBT sem vigilância; e P3 destaca a maturidade, o legado e o potencial formativo do esporte em diferentes faixas etárias. Conclui-se que a Superliga opera como espaço de acolhimento, continuidade e transformação, permitindo que o envelhecimento seja vivido não como perda absoluta, mas como reconfiguração da presença, da masculinidade e do legado no esporte.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento. Masculinidades. Voleibol. LGBTQIAPN+. Esporte.

Abstract

Sport has historically been shaped by heteronormative norms and rigid models of masculinity, making it relevant to investigate how LGBTQIAPN+ subjects experience aging in this field. This study aims to analyze how aging influences the permanence and reconfiguration of participation among subjects linked to the LGBTQIAPN+ Volleyball Super League of Rio Grande do Sul. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study based on semi-structured interviews, with an analytical focus on three older participants from the broader corpus: P1 (45 years old), P2 (51 years old), and P3 (51 years old). Thematic

content analysis showed that aging in sport does not necessarily imply withdrawal, but rather a displacement of roles, a re-elaboration of bonds, and a strengthening of belonging. P1 relates aging to the transition from the court to organization; P2 emphasizes the freedom to exist in an LGBT space without surveillance; and P3 highlights maturity, legacy, and the formative potential of sport across different age groups. It is concluded that the Super League operates as a space of welcome, continuity, and transformation, allowing aging to be experienced not as absolute loss, but as a reconfiguration of presence, masculinity, and legacy in sport.

KEYWORDS

Aging. Masculinities. Volleyball. LGBTQIAPN+. Sport.

1 Introdução

A educação física e o esporte não são espaços neutros. Conforme esta pesquisa destaca, ambos refletem mudanças sociais, culturais e políticas e, durante muito tempo, foram organizados a partir de lógicas de disciplinamento do corpo, de valorização do desempenho e de reprodução de normas rígidas de gênero e sexualidade. Nesse cenário, pessoas LGBTQIAPN+ historicamente encontraram barreiras de participação, invisibilidade e desvalorização em ambientes esportivos tradicionais. A Superliga LGBTQIAPN+ de Voleibol do Rio Grande do Sul surge nesse contexto como uma iniciativa coletiva de acolhimento, convivência e afirmação identitária, reunindo atletas, técnicos e organizadores de diferentes regiões do estado. Criada a partir de experiências de exclusão e episódios de homofobia em ambientes esportivos tradicionais, a Superliga consolidou-se como um espaço alternativo de participação, visibilidade e resistência, promovendo a articulação entre equipes e sujeitos LGBTQIAPN+ em diferentes municípios gaúchos.

Essa discussão se torna ainda mais relevante quando associada ao envelhecimento. Embora a totalidade desta pesquisa tenha como foco a trajetória da Superliga, ele também explicita que seus resultados podem ampliar reflexões sobre esporte, diversidade, sexualidade, identidades de gênero, envelhecimento e velhice. Isso autoriza e fortalece um recorte analítico que observe não apenas a inclusão de sujeitos LGBTQIAPN+ no esporte, mas também como esses sujeitos permanecem nele quando o tempo, a idade e as transformações do corpo deslocam suas formas de participação.

Este estudo constitui um recorte de uma pesquisa mais ampla que investiga a trajetória histórica e social da Superliga LGBTQIAPN+ de Voleibol do Rio Grande do Sul, contemplando sua origem, organização, expansão e impactos no campo esportivo e nas experiências de sujeitos LGBTQIAPN+. No presente trabalho, optou-se por focalizar especificamente as relações entre envelhecimento, masculinidades e pertencimento, a partir das narrativas de participantes com maior tempo de inserção na competição.

No plano teórico, a discussão sobre gênero e sexualidade no esporte pode ser ancorada em autores presentes nesta pesquisa. Louro (1999) permite compreender o corpo como espaço de cultura, expressão e disputa de sentidos, e não apenas como máquina biológica. Miskolci (2016) ajuda a problematizar os processos de normalização que enquadram corpos e desejos em padrões binários e heteronormativos. Borrillo (2016), por sua vez, evidencia como a homofobia não opera apenas como rejeição individual, mas como estrutura social que sustenta exclusões, hierarquias e silenciamentos. Essas contribuições são decisivas

para entender por que iniciativas esportivas LGBTQIAPN+ não são apenas eventos recreativos, mas respostas políticas e coletivas a experiências reiteradas de deslegitimação.

A reflexão sobre masculinidades é igualmente central. O pesquisa mobiliza Connell (1995) para indicar que a masculinidade hegemônica associa o ser homem à força física, à virilidade, à heterossexualidade compulsória e à repressão emocional. Também incorpora Brito, que propõe tensionar os sentidos fixos do masculino no esporte e observar como masculinidades dissidentes tornam visível o caráter performativo e relacional dessas identidades. Nessa chave, o esporte deixa de ser apenas cenário de reafirmação de um masculino normativo e passa a ser visto como lugar de disputa, deslocamento e reinvenção.

No caso do voleibol LGBTQIAPN+ no Rio Grande do Sul, Duarte, Laporta e Garcia (2024) nos trazem uma importante compreensão da expansão dessas iniciativas no estado. Além disso, Silva et al. (2022) ajudam a situar o esporte LGBTQIAPN+ como espaço de promoção da diversidade de gênero, visibilidade e legado comunitário. Vidarte (2019), por sua vez, permite aproximar essas práticas esportivas de uma ética minoritária que não busca apenas tolerância, mas reconhecimento e liberdade de existir.

Dentro desse panorama, o envelhecimento produz uma inflexão importante. Em esportes coletivos, o corpo competitivo tende a ser socialmente lido a partir de critérios de rendimento, explosão, resistência e utilidade tática. À medida que a idade avança, a permanência no esporte pode passar por tensões materiais e simbólicas: diminuição do desempenho, menor renovação das equipes, mudanças na rotina de treino e redefinição do lugar ocupado pelo sujeito. Porém, no universo da Superliga, tais mudanças não aparecem apenas como perda. As entrevistas mostram que envelhecer também pode significar ocupar novas funções, sustentar vínculos, produzir acolhimento e construir legado.

No campo dos estudos sobre envelhecimento, autoras como Debert (1999) e Neri (2001) contribuem para compreender a velhice não apenas como declínio biológico, mas como construção social marcada por transformações de papéis, identidades e formas de participação. Essa perspectiva permite analisar o envelhecimento no esporte para além da perda de desempenho físico, evidenciando processos de adaptação, continuidade e ressignificação da presença dos sujeitos ao longo do curso da vida.

No campo dos estudos sobre envelhecimento, compreende-se a velhice não apenas como um processo biológico, mas como uma construção social, histórica e relacional, atravessada por marcadores como gênero, sexualidade e classe (DEBERT, 1999). Essa perspectiva permite deslocar a compreensão do envelhecimento para além da ideia de declínio, reconhecendo-o como etapa marcada por transformações nas formas de participação social, nos papéis desempenhados e nas identidades construídas ao longo do curso da vida.

Nessa direção, Neri (2001) destaca que o envelhecimento pode envolver processos de adaptação e reorganização, nos quais perdas e ganhos coexistem, exigindo dos sujeitos estratégias de ressignificação de suas experiências. Tal compreensão dialoga com abordagens contemporâneas como a noção de envelhecimento ativo, proposta pela Organização Mundial da Saúde, que enfatiza a importância da participação contínua em atividades sociais, culturais e comunitárias como elemento central para a qualidade de vida ao longo do envelhecimento.

Quando articulado às discussões sobre gênero e sexualidade, o envelhecimento de sujeitos LGBTQIAPN+ evidencia camadas adicionais de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, de resistência, uma vez que tais sujeitos enfrentam, historicamente, processos de invisibilização, normatização e exclusão (HENNING, 2015). Nesse sentido, analisar o envelhecimento no esporte implica considerar não apenas as transformações corporais, mas também as condições sociais que permitem, ou limitam, a permanência e o pertencimento desses sujeitos em espaços historicamente marcados pela heteronormatividade.

Diante disso, este trabalho objetiva analisar como o envelhecimento influencia a permanência e a reconfiguração da participação de sujeitos vinculados à Superliga LGBTQIAPN+ de Voleibol do Rio Grande do Sul, discutindo os efeitos desse processo sobre masculinidades, pertencimento e continuidade no esporte.

2 Método

Este estudo deriva de uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, orientada pela compreensão de fenômenos sociais e históricos que não se reduzem a dados numéricos, mas exigem interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Nessa perspectiva, a investigação assume caráter interpretativo, em consonância com Minayo (2012), para quem a pesquisa social demanda atenção ao contexto, à observação e à produção de significados.

Como caminho metodológico, o trabalho apoia-se na pesquisa histórica, entendida não como mera reconstituição factual, mas como operação crítica sobre fontes e evidências. Conforme assinala Reis (2011), esse tipo de pesquisa exige elaboração teórico-metodológica e transformação de documentos em evidências interpretáveis; já Comiran (2020), reforça que as fontes não falam por si, mas respondem às perguntas formuladas pelo/a pesquisador/a, o que exige consciência analítica e problematização constante. Ainda nessa direção, Cardoso e Vainfas (1997) são mobilizados para sustentar a importância do cruzamento entre fontes orais e documentais na escrita da história.

Para este recorte, foram analisadas entrevistas semiestruturadas realizadas virtualmente, com gravação autorizada e posterior transcrição integral. O corpus mais amplo da pesquisa inclui diferentes sujeitos vinculados à Superliga, entre atletas, técnicos e organizadores. Neste estudo, optou-se por um recorte analítico composto por três participantes com maior idade e trajetória no contexto investigado: Participante 1 (P1) (45 anos), Participante 2 (P2) (51 anos) e Participante 3 (P3) (51 anos). Os nomes utilizados são pseudônimos, garantindo a confidencialidade dos participantes, conforme os preceitos éticos da pesquisa. A seleção justifica-se pela centralidade de suas narrativas na compreensão das relações entre envelhecimento, permanência e reconfiguração da participação no esporte.

A definição dos participantes dialoga com a técnica de amostragem em bola de neve, onde Biernacki e Waldorf (1981) fundamentam essa estratégia como recrutamento em cadeia, especialmente útil para populações específicas e de difícil acesso, enquanto Handcock e Gile (2011) são citados para reforçar sua potência na obtenção de dados qualitativos densos em redes marcadas por confiança e pertencimento. No caso desta pesquisa, a aproximação inicial com idealizadores e gestores permitiu alcançar outros sujeitos com vivências relevantes para a compreensão da trajetória da Superliga.

No tratamento analítico, as entrevistas são tomadas como fontes primárias e examinadas por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), em articulação com a análise documental. As fontes orais são compreendidas, também, como manifestações de memória social e individual, em diálogo com Le Goff (1990), o que permite captar dimensões subjetivas, afetivas e simbólicas da experiência esportiva. Além disso, Melo e Fortes (2010) ajudam a sustentar a compreensão do esporte como construção histórica e cultural em permanente transformação, aspecto decisivo para interpretar a Superliga não apenas como torneio esportivo, mas como experiência social de resistência, pertencimento e visibilidade.

Do ponto de vista ético, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob parecer nº 7.828.302. As entrevistas ocorreram mediante consentimento dos

participantes, com uso de TCLE, gravação autorizada e garantia de confidencialidade, em conformidade com o que o template do evento exige para pesquisas com seres humanos.

3 Resultados e discussão

A compreensão dos achados desta pesquisa é fortalecida quando situada no campo dos estudos do envelhecimento, que apontam para a velhice como processo heterogêneo e marcado por múltiplas trajetórias (DEBERT, 1999). Nesse sentido, as narrativas analisadas evidenciam que o envelhecimento no contexto esportivo não se reduz a perdas funcionais, mas envolve processos de reorganização de papéis e de redefinição de pertencimentos, conforme destacado por Neri (2001). A permanência dos sujeitos na Superliga, ainda que em funções distintas, aproxima-se da ideia de envelhecimento ativo, na medida em que preserva vínculos sociais, engajamento coletivo e sentido de continuidade.

A leitura articulada das três entrevistas revela que o envelhecimento, no contexto da Superliga, não se reduz à ideia de declínio corporal. Ele aparece como processo de reconfiguração da presença esportiva, da masculinidade e do pertencimento. Em vez de representar simples afastamento, a idade produz deslocamentos de função, reelaboração de vínculos e fortalecimento de papéis ligados ao cuidado, à mediação e ao legado.

Esse movimento pode ser interpretado à luz das teorias do curso de vida, que indicam que o envelhecimento implica não apenas mudanças biológicas, mas também transições sociais e simbólicas que redefinem o lugar dos sujeitos em diferentes esferas da vida (DEBERT, 1999). No caso analisado, observa-se que tais transições não significam ruptura com o esporte, mas reconfiguração da participação, na qual o valor da experiência passa a ocupar lugar central.

No depoimento de P1, esse deslocamento é explícito. Ao tratar dos desafios atuais da competição, ele afirma: “eu tenho 45 anos, já não estou jogando mais, estou só na organização”, acrescentando que “a idade chega para todo mundo”. A fala é particularmente importante porque conecta a idade não apenas à interrupção da prática como atleta, mas à passagem para outro lugar no esporte: o da organização. Em seu caso, o envelhecimento se articula com as dificuldades físicas, mas também com a responsabilidade de sustentar um projeto coletivo, assegurar a continuidade da competição e buscar soluções para o enfraquecimento das equipes e a baixa renovação geracional. P1 chega a nomear a “etaridade” como um dos desafios que atravessam o cenário da Superliga, sobretudo quando atletas de 45 ou 50 anos deixam de jogar e não são facilmente substituídos por novos participantes.

Esse material permite uma leitura consistente a partir de Connell (1995). Se a masculinidade hegemônica tende a associar valor masculino à força, ao desempenho e à potência física, a experiência de P1 mostra um outro caminho: o reconhecimento passa a se apoiar menos no corpo competitivo e mais na capacidade de articular pessoas, negociar apoios, organizar a competição e preservar um espaço político de acolhimento. A masculinidade, nesse caso, não desaparece; ela se reconfigura. Sai de cena a centralidade da performance atlética e ganham relevo a liderança, a experiência e o compromisso comunitário.

Além disso, a trajetória narrada por P1 reforça que a Superliga nasce de um episódio de homofobia e se transforma em resposta coletiva a essa violência. O campeonato emerge da necessidade de construir um lugar onde homens gays pudessem jogar “sendo nós mesmos”, sem repetir experiências de constrangimento e exclusão. Isso ajuda a compreender por que a permanência no esporte, ao envelhecer, não é apenas

questão de manter-se fisicamente apto: ela depende da existência de um espaço em que o sujeito continue reconhecido, desejado e pertencente.

P2, aos 51 anos, reforça essa dimensão do pertencimento. Sua narrativa se desloca do problema do rendimento para a experiência de aceitação e liberdade no interior de uma equipe e de uma competição LGBTQIAPN+. Ao relatar a importância desse universo, ele enfatiza a busca por convivência com outras pessoas homossexuais e a entrada no time como forma de ampliação de laços e sociabilidade. Em outro momento, mostra o esforço para que a equipe e a competição não “morram”, descrevendo a manutenção da Superliga “aos trancos e barrancos”, o que insere a idade e o tempo também na chave da persistência e da responsabilidade com o coletivo.

Mesmo quando P2 não fala diretamente de “velhice”, sua presença no recorte é analiticamente importante porque mostra que envelhecer no esporte LGBTQIAPN+ não significa somente lidar com limitações corporais, mas também sustentar pertencimento ao longo do tempo. O que se destaca em sua experiência é o valor de um ambiente onde se pode existir com menos vigilância e menos medo. Nesse sentido, as contribuições de Louro (1999), Miskolci (2016) e Borrillo (2016) ajudam a interpretar a Superliga como contraponto a contextos esportivos em que os corpos dissidentes continuam sendo regulados, silenciados ou lidos como inadequados. Em um espaço LGBT, o corpo que envelhece não precisa ser defendido do mesmo modo; ele pode, ao menos em alguma medida, ser vivido com maior liberdade relacional.

P3, também com 51 anos, amplia o debate por outra via. Como técnico e um dos sujeitos envolvidos na estruturação da Superliga, ele oferece uma leitura menos centrada na identidade sexual e mais na função pedagógica, afetiva e duradoura do esporte. Em uma passagem muito expressiva, afirma: “não importa qual é a faixa etária que tu esteja, mas é a busca pela felicidade”. Essa formulação desloca o esporte do paradigma exclusivo do rendimento e o reinscreve como experiência de formação humana, bem-estar, vínculos e elaboração da vida. P3 acrescenta que trabalha essa dimensão com diferentes públicos, incluindo categorias de base, equipes master e grupos de maturidade aposentados, o que reforça uma visão ampliada da prática esportiva ao longo do curso de vida.

A fala de P3 é importante porque tensiona a associação entre envelhecimento e improdutividade. Seu olhar indica que o esporte pode permanecer significativo em todas as idades, não apenas como competição, mas como ferramenta para lidar com frustrações, vitórias, derrotas e relações cotidianas. Ao mesmo tempo, ele reconhece P1 como figura central e madura na criação da Superliga, unindo referência política e conhecimento técnico para consolidar o evento. Essa percepção reforça que a maturidade, aqui, não aparece como obstáculo, mas como recurso organizativo e simbólico para a existência da competição.

Há ainda um ponto relevante que atravessa as três entrevistas: a noção de legado. P1 fala da necessidade de manter viva a competição apesar da dificuldade crescente de mobilização. P2 destaca o esforço coletivo para não deixar a equipe e a Superliga morrerem. P3 afirma que o “legado bom” do projeto está em trazer pessoas para jogar e “ver a transformação na vida dessas pessoas”, deixando a vida “mais leve”. O envelhecimento, nesse contexto, aproxima-se menos de uma retirada do mundo esportivo e mais de um investimento em continuidade. O sujeito que envelhece pode deixar de ocupar o centro da quadra, mas passa a sustentar as condições para que outros joguem, convivam e se reconheçam.

A centralidade do legado nas narrativas aproxima-se da compreensão de que o envelhecimento também pode ser marcado por processos de generatividade, nos quais os sujeitos investem na continuidade de

práticas, valores e vínculos sociais, contribuindo para a manutenção de coletivos e projetos (NERI, 2001). Nesse sentido, o envelhecimento, longe de representar apenas retração, aparece como condição de possibilidade para a sustentação e transmissão de experiências.

Esse achado dialoga com Silva et al. (2022), quando o esporte LGBTQIAPN+ é compreendido como promotor de diversidade e legado, e com Vidarte (2019), ao sugerir que práticas coletivas de sujeitos dissidentes produzem ética, cuidado e resistência. Também se aproxima de Duarte, Laporta e Garcia (2024), já que o voleibol LGBTQIAPN+ no Rio Grande do Sul é descrito na pesquisa como campo de acolhimento, visibilidade e resistência, e não somente como modalidade esportiva em sentido restrito.

Outro elemento importante é que o envelhecimento não aparece isolado de outras mediações. Ele se cruza com as condições materiais de manter equipes amadoras, com os custos do treinamento, com a falta de calendário articulado e com as mudanças geracionais mais amplas na relação com o esporte. P1 menciona que os mais jovens foram “absorvidos” por outras formas de sociabilidade e entretenimento e que isso dificulta a renovação das equipes. Tal observação ajuda a perceber que o envelhecimento, aqui, não é um dado meramente biográfico; ele é também efeito de transformações coletivas na cultura esportiva e nas formas de adesão ao treino, à competição e à vida em grupo.

Em síntese, as entrevistas mostram que a Superliga possibilita envelhecer no esporte de maneira menos excludente e menos presa ao ideal do corpo eternamente performático. O que se afirma é outra lógica de valor: experiência, articulação, convivência, reconhecimento, legado. Para sujeitos LGBTQIAPN+, isso é especialmente relevante, porque o esporte costuma ser um dos lugares mais insistentes de vigilância do gênero e da sexualidade. Quando a idade se soma a esses marcadores, o risco de invisibilização cresce. A Superliga, contudo, revela uma via alternativa: envelhecer pode significar mudar de lugar sem perder pertencimento.

4 Conclusões

Os resultados evidenciam que o envelhecimento reorganiza a presença de sujeitos LGBTQIAPN+ no esporte, produzindo deslocamentos que não se traduzem necessariamente em afastamento, mas em reconfiguração das formas de participação. A saída da quadra, em muitos casos, não implica ruptura com o voleibol, mas a transição para funções de organização, liderança e sustentação coletiva da competição.

Nesse processo, observa-se a resignificação das masculinidades, uma vez que o valor associado ao desempenho corporal cede lugar à experiência, à maturidade e ao compromisso com o coletivo. A Superliga configura-se, assim, como espaço de acolhimento, pertencimento e continuidade, permitindo que o envelhecimento seja vivido de maneira menos excludente e mais integrada às trajetórias dos sujeitos. Além disso, as narrativas analisadas apontam para a centralidade do legado, evidenciando que os sujeitos mais experientes assumem papel fundamental na manutenção e transmissão desse espaço esportivo e político. Tais achados reforçam a importância de iniciativas que ampliem as possibilidades de permanência no esporte ao longo do curso da vida, especialmente em contextos marcados por dissidências de gênero e sexualidade.

Agradecimentos

Agradecemos, de modo especial, aos participantes desta pesquisa, que gentilmente aceitaram compartilhar suas trajetórias, memórias e percepções sobre a Superliga LGBTQIAPN+ de Voleibol do Rio Grande do Sul. Suas narrativas tornaram possível a construção deste estudo e contribuíram de forma decisiva para refletir sobre envelhecimento, pertencimento, gênero, sexualidade e esporte. Agradecemos também à organização da Superliga, pela abertura ao diálogo e pela relevância social da iniciativa, que segue produzindo espaços de acolhimento, visibilidade e resistência no contexto esportivo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- ANDERSON, Eric. Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities. **London: Routledge**, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2016.
- BRITO, Leandro Teófilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 29, n. 2, 2021.
- BRITO, Leandro Teófilo de. Masculinidades no voleibol: precarização, agência e resistência em narrativas de jovens atletas. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, [S.l.], n. 38, 2022.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COMIRAN, Willian. **A pesquisa histórica e o trato com as fontes**. [S.l.]: [s.n.], 2020.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: **University of California Press**, 1995.
- DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. **São Paulo: EDUSP**, 1999.
- DUARTE, Gustavo de Oliveira; LAPORTA, Lorenzo Iop; GARCIA, Marlon Crestani. Esportes e diversidade: voleibol LGBT no Rio Grande do Sul. **Corpoconsciência**, [S.l.], v. 28, 2024.
- HANDCOCK, Mark; GILE, Krista. Comment: on the concept of snowball sampling. **Sociological Methodology**, [S.l.], v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011.
- HENNING, Carlos Eduardo. “Existe uma velhice LGBT?”: diversidade sexual e envelhecimento no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 191–213, 2015.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. **Petrópolis: Vozes**, 1999.
- MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MISKOLCI, Richard. Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**; UFOP, 2016.
- Organização Mundial da Saúde. **Active ageing: a policy framework**. Geneva: WHO, 2002.
- REIS, José Carlos. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria da História**, [S.l.], ano 3, n. 6, p. 4-26, dez. 2011. SILVA, Renata Laudaes; RODRIGUES, Nara Heloisa; TEODORO, Ana Paula Evaristo Guizar de; SCHWARTZ, Gisele Maria; TAVARES, Giselle Helena. A delegação brasileira LGBT e o legado dos Gay Games 2018: promovendo a diversidade de gênero no esporte. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 235-251, jan./jul. 2022.
- VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

Submissão: 07/08/2026

Aceite: 07/08/2026

Como citar o artigo:

GARCIA, Marlon Crestani et al. Masculinidades, envelhecimento e pertencimento no voleibol LGBTQIAPN+: um olhar sobre a Superliga gaúcha. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, e 2316-2171, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.141500